



© José Idoyaga

Caderno 4

Conteúdo:

- Entrevista a Individualistas Tendendo ao Selvagem
- O que queremos dizer quando falamos “natureza”? Por Chahta-Ima
- Um Falso Escape. Por Huehuecoyotl

Frente: ---

Primavera 2016

Pindorama

Entrevista a Individualistas Tendendo ao Selvagem

O que vocês querem dizer com os ataques de 25 e de 8 de abril?

É preciso esclarecer uma coisa aqui, ITS NÃO foi responsável pelo ataque em 8 de abril na C.U., foi outro grupo que compartilha a mesma tendência do eco-extremismo, mencionamos ele em nosso último comunicado para evidenciar que as autoridades universitárias acalmaram ditos ataques.

Por outro lado, o ataque de 25 de abril na C.U., foi parte de uma coordenação entre grupos de ITS no México, Chile e Argentina.

Dedicamos todo o mês de abril a essa coordenação de ataques, os quais foram:

– Em 6 de abril a “Horda Mística do Bosque”, abandonou um artefato incendiário dentro da Faculdade de Ciências Físicas e Matemáticas da Universidade do Chile, em Santiago. Embora o artefato tenha sido encontrado antes de ser ativado, uma grande comoção foi gerada na comunidade universitária do país dos terremotos.

– Em 12 de abril o grupo “Ouroboros Silvestre”, detonou um explosivo em frente a Universidade de Ecatepec, no Estado do México, esta a poucos metros da Câmara Municipal localizada em pleno centro de San Cristóbal. Neste caso o artefato explodiu com sucesso sem que se soubessem mais detalhes.

– No mesmo dia o mesmo grupo abandonou um artefato explosivo de ativação eletromecânica na Comunidade Educativa Hispano-americana no mesmo município. O artefato detonou em um dos guardas da instituição no momento em que ele o ergueu e provocou-lhe ferimentos, acontecimento que as autoridades educativas e os meios de comunicação local acobertaram, os quais disseram que o artefato havia detonado sem deixar feridos e apenas danos materiais.

– Em 19 de abril o “Grupo Oculto Fúria de Lince” detonou um artefato explosivo caseiro em uma das entradas da Tec de Monterrey – Campus Cidade do México, em Tlalpan, sem que mais detalhes fossem conhecidos.

– Em 21 de abril o grupo “Constelações Selvagens” abandonou um pacote-bomba dentro da Universidade Tecnológica Nacional em Buenos Aires, Argentina, sem que se soubessem maiores detalhes, pois as autoridades silenciaram o atentado.

– Em 25 de abril o “Grupo Oculto Fúria de Lince”, abandonou um artefato explosivo de ativação eletromecânica similar ao que detonou na Comunidade Educativa Hispano-americana em Ecatepec, mas dessa vez na Faculdade de Arquitetura na C.U., sem maiores detalhes.

– No mesmo dia, o mesmo grupo abandonou outro artefato explosivo com um mecanismo similar ao outro, mas, na faculdade de Engenharia, especificamente no edifício A, sem que mais detalhes fossem conhecidos.

Todos estes atos foram realizados pelos grupos mencionados e que estão associados a ITS, e que foram reivindicados em nosso Sétimo Comunicado em 9 de maio passado.

Contra quem atentaram?

Os ataques de 25 de abril na C.U., em particular, foram simbólicos e materiais contra a UNAM e contra qualquer universitário que cruzasse com os explosivos abandonados. É falsa a informação que propagaram alguns meios de comunicação onde dizem que os ataques de 25 foram especificamente contra o chefe de serviços químicos, é mentira.

Quanto mais objetivos vocês tem?

Nosso objetivo em específico é a civilização como um todo, as universidades e empresas que geram escravos para que este sistema continue a crescer, os shoppings e instituições que enchem de lixo as mentes das ovelhas cegas que rumam direto ao abate (com isso não estamos nos posicionando a favor da sociedade de massas, a qual também contribui com a destruição da Terra com a sua simples existência), atacamos os símbolos da modernidade, da religião, da tecnologia e do progresso, atentamos diretamente contra os responsáveis por esta mancha urbana que segue se expandindo e devorando os entornos silvestres que ainda

restam. Em suma, nós, os eco-extremistas, estamos contra o progresso humano, o qual corrompe e destrói toda a beleza que há neste mundo, o progresso converte tudo em artificial, mecânico, cinzento, triste. Nós não suportamos isso e esse é o motivo pela qual declaramos guerra a esta civilização e seu asqueroso progresso já há alguns anos.

Nunca prenderam um companheiro de vocês?

Em 2011 depois de “mandar pelos ares” a dois professores da Tec de Monterrey – Campus Atizapán, dissemos que a PGR e demais instituições de segurança eram uma PIADA e ainda seguimos dizendo. Nenhum dos nossos foi detido até agora...

Por que matar?

E por que não? É pecado? É um crime? É errado? Com certeza mais de uma pessoa disse “sim” em alguma destas perguntas. Respondemos. Para ser claros, nós matamos porque isso é uma GUERRA, pelo motivo de não reconhecermos mais autoridade que a autoridade de nossas deidades pagãs relacionadas à natureza e contrárias ao catolicismo e ao deus judaico, deidades pessoais que nos empurram para o confronto. Matamos porque não reconhecemos outra lei a não ser as leis naturais que regem TUDO neste mundo morto. Matamos porque rejeitamos qualquer moral que nos queiram impor, porque não consideramos nem “mal” nem “bom”, mas sim uma resposta de nossa individualidade a toda a destruição que gera o progresso humano.

Dentro do espectro do terrorismo, matar pode ser uma estratégia, um chamado, uma advertência para o que talvez possa ocorrer...

Voltando ao tema central, assassinamos o chefe de serviços químicos da UNAM para lembrá-los que podemos atacar a qualquer momento a quem quer seja dentro da universidade, para mostrar que nossos objetivos foram ampliados. Em 2011 nos dedicamos a atacar os cientistas e investigadores, agora todos os que integram a comunidade universitária podem e são um objetivo potencial. Por quê? Pelo simples fato de serem parte da comunidade estudantil e progressista do mais alto local de estudos.

Advertimos meses atrás às autoridades da UNAM, advertimos que se nossos ataques permanecessem sendo silenciados teriam de enfrentar as consequências. O resultado foi a escandalosa morte dentro da Cidade Universitária como um aviso. Tanto faz para nós que tenha sido um trabalhador, o mesmo escândalo houvesse ocorrido se o morto fosse um estudante ou um professor, ou na melhor das hipóteses, um investigador renomado. O objetivo, a UNAM, foi atingido mais uma vez. As autoridades desmoralizadas e nós com mais uma morte em nossa história.

Como podem provar que foram vocês?

As provas estão nos fatos, o corpo tinha seus pertences, não foi um roubo. O corpo foi localizado em um lugar onde não há câmeras, isso indica um ataque direto e não outra coisa. Já sabemos que as autoridades da cidade estão preparando suas “investigações” torpes e com faltas de argumentação (como sempre) para indicar que não foi nós para não assustar ainda mais a comunidade universitária. Havíamos pensado em arrancar o couro cabeludo dele como prova, mas não foi possível. Como escrevemos no comunicado, fica para a próxima. Você e todos podem pensar o que quiserem, que foi um roubo, uma vingança pessoal por pessoas de seu bairro, que foi acidental, etc., mas a nossa história não mente, não somos um grupo novo que vem do nada, e já foi evidenciado com esse e com outros atos que não estamos de brincadeira.

Se não acreditam em um amanhã melhor nem são revolucionários, o que pedem? Qual é a finalidade de sua luta?

Nós não pedimos nada, não temos exigências ou “folhas de petição”. Se pode negociar a perda de nossas raízes como seres humanos naturais que estão resistindo à artificialidade da civilização? Claro que não, não há negociação nem mesas de diálogo ou qualquer outra coisa.

Nós não acreditamos nas revoluções, afinal sempre visam a “solução de problemas”, a construir algo novo e “melhor”. Deixe-nos dizer, a era das “revoluções” e dos “revolucionários” acabou, não existe “revolução” alguma que possa mudar uma coisa negativa por uma positiva porque hoje tudo está corrompido, porque tudo está à venda, porque o que rege o mundo na atualidade não é o poder político, mas o econômico. As revoluções são coisas do passado e nós entendemos isso muito bem.

Nós não queremos resolver nada, nem propomos nada a ninguém, não queremos mudar o mundo, nem queremos nos unir à massa. Chega das utopias secundárias, chega de ter em mente que possa haver um mundo novo. Olha ao seu redor, o presente está repleto de horrores causados pela mesma civilização, pela alienante realidade tecnológica (redes sociais, celulares, etc.), respira o espesso ar desta suja cidade, olha as pistas

repletas de carros, observa a massa se espremendo nos ônibus, nos metrô, veja suas caras cansadas da mesmice. O poder econômico poucos o tem, vivem no luxo, se afundam em notas e comodidades, os meios de comunicação estão vendidos à melhor oferta, e surgem os não-conformistas, e desaparecem com eles e os assassinam, a tensão social se agrava, e quando tudo parece que irá explodir, a normalidade retorna, ou tudo se vai a uma normalidade alternativa. Por isso nós deixamos de acreditar em um “amanhã melhor”, porque este presente decadente é o único que temos, e neste presente apenas vemos o progresso que avança sem freio em direção ao abismo civilizado.

A civilização está podre, cada vez mais se corrói, porém segue avançando. O que mais iríamos querer senão fazê-la colapsar com nossas próprias mãos? Mas isso seria outro propósito infantil.

Nós não apostamos na queda da civilização, nem temos como finalidade a destruição desta, que fique claro. No aspecto filosófico somos pessimistas, porque vimos que todo o belo para nós, que é a natureza, se perdeu, a destruíram e seguem empurrando-a à extinção. Não nos resta nada pelo que lutar, exceto por nossas próprias individualidades. Nós seguimos sendo humanos ao invés de robôs, somos a Natureza Selvagem que resta, o último dos últimos, nós continuamos nos considerando parte da natureza e não os donos. Os eco-extremistas resgatamos nossas raízes primitivas, e entre muitas outras coisas está a confrontação, o conflito que nos identificou como pessoas desta terra, filhos da algaroba e do coiote, guerreando contra os que nos queiram domesticar, assim como fizeram nossos antepassados mais selvagens ao não permitir serem subjugados pelos europeus a sua chegada na Grande Chichimeca.

Os eco-extremistas somos animais domésticos com seus instintos ainda vivos. Para muitos é certeza que é uma “incoerência” dizer que estamos contra tudo isso e continuar usando tecnologia. Respondemos que não hesitamos em usá-la para conseguir nossos fins imediatos, isso é um fato, nós nos importamos com um caminho cair em supostas “inconsistências”, assim como não nos importamos com nada que nos considerem o que quer que seja.

Uma das finalidades de ITS e do eco-extremismo em si é o ataque, é devolver os golpes que deram à natureza selvagem sem ser homenageados como “revolucionários”, desinteressadamente guiados por um impulso egoísta.

Os eco-extremistas são como as abelhas, as quais fincam seu ferrão para ferir a seu oponente (a civilização), lutando sabendo que morrerão tentando, já que está claro que nesta guerra não sairemos vitoriosos.

Isso vai parecer que somos doentes mentais ou desequilibrados, mas olha, o eco-extremismo niilista é uma tendência que praticamente “nasceu” no México, e que alguns individualistas tomaram como sua no Chile, Argentina e Europa, está claro que não somos os únicos loucos...

Talvez há mais perguntas que respostas, isso é tudo que diremos por agora. O que está feito está feito.

Pela internalização da máfia eco-extremista!

Pela defesa extrema da natureza selvagem!

Individualistas Tendendo ao Selvagem – México

O que queremos dizer quando falamos “natureza”?

Um tema que surgiu recentemente entre os críticos do eco-extremismo é a ideia de que adoramos uma falsa ideia de “Natureza”. A seus olhos, estamos postulando algo vago, talvez usando um pensamento ilusório, e tentando encaixar a esfera redonda da realidade no buraco quadrado de nossos conceitos. Não estamos aqui para dar a definição do que cada eco-extremista quer dizer com “natureza” ou “Natureza Selvagem”. Eu só vou dar a minha própria ideia sobre isso. Outra vez, qualquer um é livre para se pronunciar, porque eu reconheço que este é um tópico difícil de tratar. Pelo menos para aqueles que estão presos à tentativa de definir o que acreditam que é o mais profundo de si mesmos e do mundo, talvez eles possam se referir a isso e encontrar algo útil. Com isso em mente:

Um objeto “natural” na linguagem moderna geralmente indica uma coisa que existe apenas para si. Ela é, simplesmente isso, e não precisa de qualquer outro propósito adicionado a ela. Se um arqueólogo, por exemplo, está caminhando através de uma floresta, ele pode ver centenas de árvores e milhares de plantas, mas nenhuma delas o interessa. Se ele vê uma grande pedra com gravuras, no entanto, ele vai definitivamente parar e estudá-la. Enquanto a floresta pode realmente ser o que sobrou de uma antiga floresta cultivada ou o produto de milhares de anos de cultivo ou de horticultura de corte e queima, o arqueólogo não tem meios de saber isso. Mas ele, assim como qualquer amador, sabe o que é “natural” e o que não é, o que é feito diretamente pela mão do homem e o que não é.

Da mesma forma, em nossas próprias vidas, se vemos um controle remoto em uma sala que nunca estivemos antes, perguntamos que máquina ela pode controlar: para que serve? Se vemos uma planta em um vaso, não surge tal questão. Se estamos no nosso quintal e vemos um veado ou um guaxinim, não perguntamos: “Mas para que serve?” Nós até podemos, mas não sendo domesticados, não é como se eles reformassem seu propósito de acordo com as ideias que nós temos deles. Natureza, selvageria, o selvagem, o animal, etc., são por si mesmos.

Assim, quando nos encontramos com uma pessoa, geralmente fazemos a pergunta: “Então, o que você faz?” Enquanto domesticados, somos como gado em que nossa própria existência se baseia no que fazemos pelos outros e não por nós mesmos. Eu não sou um contador por mim mesmo; não é inerentemente parte da minha natureza. Calcular números ou conhecer o código tributário não me traz nenhum benefício direto, não é algo que eu faria naturalmente com pouca solicitação e pequeno esforço. O mesmo é o caso de um edifício: muitas pessoas (se não a maioria) pode talvez ter uma sensação de temor ao olhar para um edifício impressionante, e eles podem até confundir-lo com um *mysterium tremendum et fascinans*. No entanto, a razão pela qual muitos gostam de olhar para uma floresta ou estar cercado por vegetação é talvez porque eles querem se lembrar de que existem coisas que existem para si mesmas e não para os outros. O mesmo é verdade com as crianças, já que crianças, pelo menos quando muito jovens, não são “úteis”.

Além disso, há a ideia de “brincar”. As crianças são definidas pelo seu amor por brincar: atividade que não tem nenhum benefício além da alegria de realizá-la. Alguns dizem que a atividade dos caçadores-coletores assemelha-se profundamente à brincadeira, na medida em que a divisão do trabalho é apenas uma questão de grau. Os homens crescidos caçam, e os meninos pequenos imitam a caça, então capturam presas menores. E, claro, as meninas imitam e participam na coleta e outras atividades de fabricação. Em todos, os benefícios de toda a atividade são geralmente imediatos e óbvios.

Claro, há aqueles que não gostam nem de crianças e nem da natureza, mas isso é principalmente porque elas não respeitam os projetos que as pessoas têm preconcebido para as coisas em suas cabeças. Só posso dizer que, para mim, estar na natureza é transformador por estar em contato com coisas que não precisam de outro propósito senão elas mesmas. Elas apenas são.

Alguns diriam que toda experiência humana é mediada pela cognição e agência humanas, mas ao dizer isso no contexto das pessoas modernas, elas estão perdendo uma distinção crucial. “Natureza” como um espaço intocado e intocável de vegetação é talvez um conceito recente. Mesmo caçadores-coletores “primitivos” manipularam e “coletaram” de seus ambientes de formas muito complexas. Eles teriam percorrido uma floresta ou outra paisagem e não teriam visto apenas uma cena de admiração ou de meditação, como uma pintura, mas uma “fábrica” viva que produz o modo como eles viviam, com sua “ajuda”, embora eles possam não perceber dessa forma. Por outro lado, não é correto afirmar que as pessoas modernas fazem exatamente o mesmo quando elas derrubam uma floresta, explodem uma montanha procurando carvão ou despejam resíduos industriais em um rio.

Aqui, divergirei das ideias adotadas pelo discurso “anti-civilização” ou anarco-primitivista e declaro que não se trata de viver “em harmonia” com a natureza ou estar sujeito a ela, seja o que for que isso signifique. Isso

não é um programa de software inato que nós ou seguimos à letra ou não, por nosso próprio risco. A questão, como já afirmei anteriormente, é de escala e capacidade. Se os povos “primitivos” pudessem ter criado plástico ou escavadeiras ou motosserras, talvez o tivessem feito, embora os resultados poderiam não ser os mesmos que vemos hoje. Nosso mundo moderno não é uma inevitabilidade teleológica. Ele pode atender certos desejos daquela coisa indescritível chamada “natureza humana”, mas as pessoas viveram dezenas de milhares de anos, talvez mais, sem nenhum de nossos gadgets ou sistemas de governança. Comparativamente, a domesticação, a agricultura, a vida urbana, etc. são uma espécie de “cisne negro” que tem sido tremendamente bem-sucedido na tentativa de conquistar tudo o que lhes é estranho, mas isso não significa que não poderia ter sido de outra forma. Na maioria dos lugares e circunstâncias com presença de homo sapiens, não tem que ser assim. A civilização tem a pretensão de ter dominado o tempo no abstrato, mas no concreto, ele só existe por um minúsculo período de tempo, e esse tempo pode estar se esgotando.

Assim é também a natureza. Nós pensamos que porque nós manipulamos a natureza, nós a “criamos” e a “definimos”. Isso pressupõe que podemos colocá-la em nossas cabeças e fazer com ela o que quisermos. Aqueles que se opõem a uma linha dura entre a natureza e a cognição humana da matéria muitas vezes não se opõem quando se trata de linha entre a mente humana e os objetos que ela contempla e procura alterar. Nisso, a cognição/consciência humana é soberana, masculina, especial e quase divina. A mente humana é, assim, “de outra ordem”, e assim a linha estrita entre natureza e mente é mantida. Na verdade, quando a mente olha para a natureza, tudo o que realmente está fazendo é olhar para si mesma olhando para... qualquer coisa. Ela não sabe o que, nem nunca poderá saber. Todas as coisas são por elas mesmas, mesmo as coisas que ela não pode controlar, mesmo as coisas que possivelmente não podem perceber (?)

Assim, na minha própria ideia de natureza, percebi que estou dando um salto de fé bem menor ao afirmar que, sim, de fato, há algo lá fora, para além de mim, para além da minha percepção ou cognição. Eu não sou um sistema fechado ou auto-sustentado: eu não sou a origem da existência. Caso contrário, qual seria o resultado de declarar a potencial onisciência do pensamento humano; a mediação absoluta da cognição humana em tudo; a ideia de que todas as coisas são para nós, e nós somos, finalmente, todas as coisas? Para mim, isso cheira a um complexo de Deus, como no deus monoteísta que habita o céu realizado por outros meios, quer chamemos isso de ciência, ou filosofia, ou solipsismo, ou o Futuro, ou o que quer que seja. Estes todos executam a mesma função.

A natureza existe porque a mente humana é fraca e limitada. É mortal, é feita de carne, e, finalmente, este é o seu limite, mesmo que não possamos vê-la. É como se ela estivesse jogando um jogo com o resto da existência, e ela vai perder. A existência da natureza é o limite do pensamento. É o fato de que todas as coisas não são para nós, nossos pensamentos não fazem as coisas: as coisas estão lá por si mesmas, e estariam lá sem a nossa intervenção. Em outras palavras, nós não somos deuses, não somos espíritos, precisamente porque essas coisas não existem como nós as entendemos. Nosso pensamento não compreende e não pode compreender tudo, e é por isso que é tão miseravelmente pouco confiável.

Há coisas que existem puramente para si. Uma criança sabe isso. Até um idiota pode saber isso. É preciso que o “sábio” do “Mundo” (um termo bíblico) o negue. Há coisas neste mundo que nunca vamos dominar.

Podemos ser capazes de aterrissar o nosso lixo tecnológico na Lua, mas não podemos alimentar todas as crianças que estão com fome, ou impedir o nosso estremecimento diante da sombra da morte. É por isso que a humanidade será replantada, e a natureza permanecerá.

O eco-extremismo é, na minha opinião, a confiança na ordem com a qual a própria natureza tem operado, bem como as “fracas” sociedades humanas que foram formadas por ela. Confiar na natureza não é um salto de fé, pelo contrário. A civilização é um culto que exige fé, exige a obediência à ideia de que o “bem comum” é o bem supremo de todos. É um ato de fé acreditar que sacrificar a si mesmo e a natureza selvagem de hoje de alguma forma trará benefícios para todos amanhã. Nós preferimos o “bem” que está diante de nós, nas árvores, nos rios, nos oceanos, no céu azul, nas montanhas e em nossos próprios desejos não-domesticados; e não um “bem” inventado pela civilização que busca a escravidão e destruição de todas as coisas que são por elas mesmas. Detestamos isso, atacamos isso, e não lhe damos nenhuma trégua. Quando falamos “Natureza Selvagem”, não estamos sendo vagos: estamos nos referindo a algo bem na frente de seu nariz. Que você não vê que é seu problema, não nosso.

– *Chahta-Ima*
Nanih Waiya
Hash Bihi (Maio), 2016.

Um Falso Escape

A mentira chamada civilização é uma hidra; cada uma de suas cabeças busca a hora certa para morder, para matar nossos instintos selvagens e nos transformar em robôs que caminham em condição de cúmplices. Desta condição ninguém está livre de se encontrar dentro desta sociedade. Para nós eco-extremistas tudo isso é uma constante guerra interna e contínua, onde há tentativas de viver longe das práticas e dos valores sociais. Várias destas práticas são, para muitos sujeitos -até mesmo os que chamam a si mesmos de “anti-sistema”- libertadoras, quando na verdade são práticas impostas pela civilização. Neste trabalho irei me referir a uma prática social na qual um grande número de hiper-civilizados e sujeitos com “posturas anti-sistêmicas” estão imersos: a vida dentro de um vício. Estas pessoas encontram muitas razões e justificativas para levar esta vida cíclica: a diversão, uma medida contra a tristeza, a decepção, “abrir a mente”, e a que para mim é a mais desprezível; a busca pela fuga da realidade.

A realidade nos golpeia constantemente, vivemos dentro de um mundo no qual o caminho em direção à morte vai se tornando mais e mais curto de maneira rápida. Esta é a cotidianidade chata e depressiva a que uma grande parte da cidadania está presa: estresse, trabalho, família, escola, rotina, transporte, tráfego, etc. Ante todas estas dores “escapes” são buscados, algo que dê um fôlego e faça esquecer estes maus momentos. Seria um erro pensar que ditas fugas que se tornam parte de uma vida cíclica são apenas substâncias ingeridas.

A grande dominação tecnológica é um forte pilar da vida cíclica, tornou-se “normal” ver jovens que na maior parte de sua vida vão com o celular em mãos -isso literalmente-, escravos e aprisionados, fundidos a um “mundinho” virtual com amigos igualmente virtuais e uma forte dependência das redes sociais, as quais não passam nem uns minutos sequer sem revisá-las. Estes são dependentes totais dos celulares e das redes sociais -dentro disso tudo a morbidez e a opulência ditam o dia a dia-, assim caminha grande parte da sociedade, em especial, a juventude, em direção a uma vida de progresso e tecnologia. Anseiam dentro de seus aparatos celulares a “vida ideal” que querem alcançar enquanto ao redor tudo o que é vivo segue desaparecendo. Sua vida ideal se resume no consumismo desenfreado, em relações banais, uma existência onde tudo é assumido como verdade e nada é submetido a críticas. A juventude segue já perdida, são tão dependentes tanto do celular como do álcool. Não vejo nenhuma esperança no futuro. Alguns ilusoriamente pensariam que as gerações futuras ao verem a grande destruição da Natureza Selvagem refletiriam e optariam por uma vida antagonista à estabelecida dentro da civilização tecno-industrial. Eu acho isso incrível. Os “jovens” que para os estúpidos esquerdistas são biologicamente revolucionários se encontram também na condição de hiper-civilizados, levando a cabo as mesmas ações dos adultos, envolvidos em seus estudos, deixando toda sua vitalidade para o “grande” progresso da humanidade, um progresso que está a poucos passos do precipício. Se os jovens são “nossos” próximos revolucionários, a onde iria sua revolução? Ainda que os modos de produção fossem alterados a produção continuaria a durar. E esta revolução... Que revolução poderia fazer um jovem que na maioria de sua existência se encontra ligado a um aparato tecnológico? Como teria vigência a ideia do “povo organizado” se este “povo” segue acorrentado à tecnologias, e segue perpetuando o estilo de vida dentro dos cânones da tecno-indústria? Que isso não seja uma confusão, como eco-extremista não tento estabelecer uma revolução que derrube a civilização tecno-industrial como uma “resposta” ou uma “melhor” revolução. Então, por que criticar a ideia de uma revolução? Ou por que criticar os jovens que se sentem revolucionários?

Penso que em alguns jovens existe um sentimento de culpabilidade ou indignação diante das situações que eles consideram como injustiça. Então, optam por se apropriar de ideologias que propõem uma mudança... encham suas cabeça com ideias revolucionárias, e vivem com base em utopias, meros anseios. Isto não deixa de ser um escape da realidade, ignorando a decadente realidade presente e esperando a revolução que chegará. Vivem em seu eterno sonho. Não vejo diferenças de uma pessoa presa a algum videogame com uma outra presa à ideia da revolução. Ambas ignoram o aqui e o agora. Porque o ato de pensar em seu mundo virtual bem como em seu mundo mais justo que algum dia chegará mantém a cabeça ocupada, e no segundo caso, os “revolucionários”, cura-os do profundo sentimento de culpabilidade. Para muitos esta afirmação que aqui faço será incômoda, alarmante e indignante. Responderão eufóricos que ao contrário daqueles que se mantêm dentro da realidade virtual, eles como revolucionários realmente analisam a realidade e enfrentam-na. Será isso verdade? Quão real será seu enfrentamento contra a realidade se em suas redes sociais ante os olhos de todos difundem o que fazem sem medo de serem presos? Um enfrentamento “real” contra a realidade dá possibilidades de expressar seus posicionamentos aos quatro cantos? Alguns até mesmo se põem a encher a

cara enquanto permanecem “de pé em luta”. Que engraçada é a forma de enfrentar a realidade destes “revolucionários”. Nós eco-extremistas sabemos que estamos diante de um risco constante, que nossas palavras e ações são incômodas para cidadãos e autoridades. Sabemos que as forças de segurança que operam nos distintos territórios onde atentam os selvagens eco-extremistas estão atrás de nós, é por isso que nós seguimos sempre despertos, por isso que rejeitamos tudo aquilo que distorça nossa realidade, porque a aceitamos e a enfrentamos por mais deprimente que seja, é por isso que vários individualistas se propuseram a difundir seus conhecimentos sobre como sobreviver dentro da civilização. Seguimos nos mantendo fora das grades, seguimos conspirando dentro de suas urbes.

Romper com a ilusão revolucionária não é fácil, mas enquanto se vive nela se ignora a realidade presente, tudo se torna tão utópico que se esquece do agora. A revolução que promulgam jamais chegará, o humano perdeu sua condição natural e se transformou em um robô que trabalha à serviço do progresso destruidor da Natureza. Quando será que esses jovens se darão conta da ilusão em que vivem? Eu não sei, talvez seguirão toda a vida perseguindo o fantasma da revolução, porque não é nada mais que isso: uma ideia morta.

Falei daqueles acorrentados tanto ao mundo virtual como dos que se encontram arrastando as correntes do anseio. Ambos desprezíveis para mim, ambos buscando falsas saídas para a realidade existente. Outros, os que há de monte em todas as cidades, tem caído na hipocrisia de falar de posturas antagônicas à realidade com uma garrafa na mão e seu corpo infestado de substâncias psicotrópicas. Abundam, há em todas as partes, suas razões? Muitas: para escapar das dores da vida, para agigantar a felicidade, felicidade que como já disseram em diversos comunicados eco-extremistas, é totalmente falsa. Em sua condição total de hiper-civilizados, não são capazes de levar a cabo convivência alguma a não ser por meio de uma substância que altere sua percepção da realidade, uma fuga nauseante e falsa onde apenas perpetuam os modos de “diversão” que impõe a civilização. Tristes são aqueles que tentam sanar suas dores sedando-se desenfreadamente. Parece que a hidra tecno-industrial fala e de sua boca sangrando sai as palavras que ordena a seu escravo: se está triste, drogue-se! Se deseja estar feliz, drogue-se! A toda dor ou a todo desejo insaciável de diversão a civilização oferece uma grande quantidade de substâncias psicotrópicas. O triunfo total: se você quer ser rebelde, igualmente drogue-se, e com isso o feroz guerreiro que poderia se lançar a uma guerra contra a realidade terminará transformado em um escravo dócil. A hidra rindo pronuncia sua sentença: a civilização triunfou, o guerreiro já está sedado! Não há “liberdade” alguma em uma vida cíclica. Muitos ignorantes catalogarão estas palavras de moralismo, mas cairiam em um erro pensar que como eco-extremista rejeito essas substâncias por considerar que é “mal” ingeri-las. Tentarão justificar de milhões de formas, justificando suas cadeias. Estas palavras não são uma questão de moral, já que me posiciono como um ser amoral. Estas palavras nascem de um desprezo, um desprezo à vida cíclica, às substâncias e às práticas que levam a essa vida. Se sentem tão vivos quando estão tão mortos, tão dependentes de uma substância ou de uma prática que sem isso o viver se tornaria algo impossível. Não é questão de moral nem muito menos que nos espantemos e cataloguemos essas práticas como “más”, é mero desprezo a suas atividades “libertadoras” que mais são um atalho à vida cíclica. No momento, até aqui chegarão estas palavras, haverá mais tempo para ir mais a fundo na crítica à vida cíclica e as distintas formas que ela se apresenta.

*Adiante críticos terroristas!
Longa vida à guerra amoral eco-extremista!
Morte à vida cíclica dos hiper-civilizados!*

Huehucoyotl

Outono de 2016

Regresión

Cuadernos contra el progreso tecnolindustrial